



ACC17/01/PT

ACC 17 - Transcrição do discurso presidencial de 28 de abril de 2019

Introdução

Muito obrigado por esse estudo bíblico e muito obrigado àqueles que o lideraram. É uma maneira maravilhosa de avançar os trabalhos do dia. Quero começar com... embora não soubesse qual parte nós estávamos fazendo hoje no estudo bíblico quando escrevi isto... algumas palavras que se inserem nas palavras que acabamos de estudar.

“Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras?” (Lucas 24:32). Na alegria da Páscoa, com Aleluias, a intenção desta semana é que nos encontremos com Deus através de Jesus Cristo e que saíamos daqui com uma visão mais clara. Não nos reunimos por nós mesmos, mas a serviço de Deus. É para esse fim que vocês viajaram tão generosamente até agora, muitas vezes com muita dificuldade, até mesmo com riscos. É para esse fim que esta maravilhosa Província e nosso Presidente, seu Arcebispo, foram tão generosos e trabalharam tão arduamente como tantas outras pessoas no ACO e além. A eles somos todos profundamente gratos. Damos calorosas boas-vindas a todos, especialmente aqueles que estão aqui pela primeira vez e acima de tudo o advento dos membros da juventude. Vocês são particularmente bem vindos.

A Comunhão Anglicana não existe por si mesma. Ela existe principalmente para servir à missão de Deus no mundo de Deus. Como disse William Temple, Arcebispo de Canterbury de 1942 a 1944 e Arcebispo de York por 18 anos antes disso, a Igreja existe para aqueles que não são seus membros. Disseminar as boas novas de Jesus é o maior presente que podemos

oferecer ao mundo e fonte de alegria. Como resultado de um compromisso histórico, somos hoje um grupo extraordinariamente diverso, com Províncias contendo até 2.000 idiomas e um número similar de culturas. O milagre da Comunhão é que somente através da obra de Jesus Cristo somos feitos um pela graça de Deus, não por nossa escolha ou nossa seleção. Por essa razão, nossa união é um chamado à obediência em Cristo. Pela unidade a Comunhão se torna mais bela e uma bênção para o mundo, e nossa unidade nos atrairá para a unidade de toda a Igreja, que é única forma pela qual o mundo vê a verdade de Cristo.

Todas as províncias da Comunhão Anglicana são autônomas e interdependentes. Sabemos que o que um de nós faz afeta a todos nós. Temos o direito autônomo de fazer escolhas província a província, de estar presentes ou estar ausentes, mas sendo meios interdependentes, devemos limitar esse direito por amor uns aos outros.

Discipulado Intencional

A ACC-16 pediu que “todas as províncias, dioceses e paróquias da Comunhão Anglicana adotem um foco claro no discipulado intencional e produzissem recursos para equipar e capacitar toda a Igreja a serem eficazes em formar novos discípulos de Jesus Cristo”. É minha profunda esperança e oração que este ano, reunidos sob o tema ‘Equipar o Povo de Deus: Aprofundando o Discipulado Intencional’, nos concentrando pela segunda vez no discipulado intencional, teremos a oportunidade de refletir sobre caminhar juntos em nossa vida como o Corpo de Cristo e vivendo como testemunhas da glória de Deus.

Ser intencional em nosso discipulado está, e sempre esteve, no cerne do que significa ser Anglicano. Nossas raízes remontam ao papa Gregório, o Grande, enviando Santo Agostinho de Cantuária para a Inglaterra em 597 DC. Esse foi um ato de discipulado e de formação de

discípulos. Foi um ato intencional no jargão moderno. O discipulado não é um acréscimo opcional à vida Anglicana, mas sim uma vida moldada por Jesus.

Os Anglicanos não estão sozinhos nessa ênfase no discipulado intencional. O Papa Francisco falou do chamado para ser ‘discípulos missionários’. Ele disse, no *Evangelii Gaudium*, que “Todo cristão é um missionário na medida em que encontrou o amor de Deus em Jesus Cristo: nós não dizemos mais que somos ‘discípulos’ ou ‘missionários’, mas sim que somos sempre ‘discípulos missionários’” (*parafraseado*). Se não estamos convencidos, olhemos para aqueles primeiros discípulos que, imediatamente depois de encontrar o olhar de Jesus, saíram para proclamá-lo alegremente. Em um contexto diferente, o Conselho Mundial de Igrejas e a Comissão sobre Missão Mundial e Evangelismo têm se concentrado no ‘discipulado que transforma’.

Deus nos convida não apenas a nos livrarmos de nossos próprios pecados e sofrimentos, mas em Sua graça nos urge a estender a experiência de seu amor aos outros. E não termina por aí – não temos que fazê-lo sozinhos. Jesus está sempre conosco, como ele promete, até mesmo ‘no próprio fim dos tempos’. A nós, como indivíduos, como paróquias, como dioceses, como Igreja, é oferecida a chance de ser tão inundados com a graça de Deus e o amor de Cristo que se derramam por todos os cantos da terra; uma luz na escuridão de um mundo em sofrimento e uma promessa de esperança eterna.

O exemplo de Jesus nos desafia a amar e servir uns aos outros, na promessa de que ‘os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos’. É algo que os Arcebispos precisam lembrar, particularmente se são chamados de ‘primeiros entre iguais’ – porque isso significa ser os últimos entre os desiguais. Ele nos inspira – Jesus nos inspira – a cuidar dos marginalizados e a ver o rosto de Cristo no sofrimento. Ele nos compele a sermos

pacificadores em nossas comunidades e a amar nossos inimigos. Quando olho para os milhões de Anglicanos em todo o mundo, servindo fielmente como discípulos de Cristo em comunhão uns com os outros, e para o maravilhoso trabalho milagroso que realizam, não posso deixar de ver o grande plano de Deus operando no mundo.

Isso foi ilustrado há duas semanas no Vaticano. Durante vários anos, o Conselho de Igrejas do Sudão do Sul trabalhou na construção da paz em uma guerra em seu próprio país, uma guerra civil que custou mais de 400.000 vidas; uma guerra esquecida, que não atrai a imprensa, esquecida e 2,5 milhões de refugiados. De Lambeth, da CAPA, a Associação de Províncias na África, de outros lugares, grupos foram apoiá-los. Duas visitas da *Women on the Front-Line* (“Mulheres na Linha de Frente”) apoiaram as esposas dos bispos; vocês ouvirão mais sobre isso amanhã – humildemente afirmando que elas são chamadas e valorizadas. O uso de violência baseada em gênero na guerra contra mulheres, e em particular contra as crianças, tem sido indescritível. Por sugestão do Conselho de Igrejas do Sudão do Sul (SSCC), o Papa e eu convidamos os líderes políticos para um retiro espiritual no Vaticano, juntamente com um ex-Moderador da Igreja da Escócia. Pela primeira vez desde a Reforma, os líderes da Igreja Anglicana e Católica se reuniram. O dia, na quinta-feira anterior ao Domingo de Ramos, terminou de forma poderosa, com o compromisso de implementar o acordo de paz de 2018 negociado pelos líderes políticos no ano anterior. Há muito a avançar; não tenho dúvidas de que os líderes políticos que vieram, quando retornaram, encontraram seus conselheiros dizendo: “Não, você não quer fazer isso”. Não tenho dúvidas de que muitos procurarão destruir o acordo de paz. Mas este trabalho é conduzido localmente pelo SSCC com o extraordinário exemplo de nosso próprio arcebispo Justin Badi, com coragem, decisão e inspiração, e com os bispos da Igreja Anglicana do

Sudão do Sul. Ele foi liderado localmente, mas apoiado globalmente pela Comunhão. E é isso que nossa unidade traz. Sem a nossa unidade, isso não poderia acontecer.

Não podemos condenar nações inteiras ao desamparo, à negligência de apoio, ao sofrimento solitário através da indulgência no luxo da desunião. Não podemos abandonar as vítimas de tais guerras, negligenciar os perseguidos, esquecer os pobres, ignorar as mudanças climáticas, deixar de pregar o evangelho com a intenção de formar discípulos, porque consideramos nossas questões mais importantes. Nós existimos para os outros, a serviço do Príncipe da Paz. “Bem-aventurados os pacificadores”, diz Jesus em Mateus 5:9, “porque eles serão chamados filhos de Deus”.

Os Instrumentos de Comunhão e o ACC

Para facilitar o trabalho conjunto da Comunhão Anglicana, os Instrumentos de Comunhão desempenham um papel crucial no fornecimento de estrutura e apoio. Os Instrumentos de Comunhão são vivos, ativos e inacabados. O excelente relatório ‘Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos’, preparado pela Comissão Permanente Inter-Anglicana de Unidade, Fé e Ordem – fácil de falar, não? IASCUFO, se quiser um nome mais simples para lembrar – mas em um relatório maravilhoso com um título melhor, ‘Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos’, estabeleceu, de maneira majestosa, um plano para assegurar que os Instrumentos se encaixem em sua definição e cumpram seus papéis harmoniosamente.

Todos sabemos que existem quatro Instrumentos de Comunhão, todos os quais extraordinariamente, felizmente convergentes nos próximos dois anos. Estamos participando de um Instrumento neste exato momento, o Conselho Consultivo Anglicano. Temos um *Primates’ Meeting* (“Encontro de Primazes”) em menos de um ano – no ano que vem. Em menos de um ano meio teremos a *Lambeth Conference 2020*. Coisas boas vêm em

três, como dizemos no Reino Unido, mas nesta ocasião, infelizmente, há um quarto. Posso parecer um homem que está ficando um pouco mais gordinho à medida que envelhece, mas não se deixem enganar: eu sou na verdade uma coisa, um Instrumento de Comunhão de colarinho.

Entre os instrumentos, o ACC é único na medida em que é legalmente constituído como uma instituição de caridade sob a lei inglesa. A maneira pela qual os documentos ecumênicos agora serão levados ao ACC para ratificação e posterior recepção pela Igreja Anglicana mais ampla é um exemplo do modo pelo qual o ACC pode e deve se tornar mais significativo para manter a Comunhão unida e também para encontrar maneiras de encorajar a Comunhão a viver sua vida juntos. O ACC, o único órgão com membros leigos e sacerdotais bem como membros episcopais, continuará a levar adiante o trabalho programático da Comunhão, mantendo suas próprias características distintas de independência.

O mundo em que vivemos

Mas nosso discipulado, como já disse duas vezes, não é sobre nós, mas sobre nossa existência no mundo como seguidores de Jesus Cristo. Vivemos tempos perigosos; para alguns países os tempos são sempre perigosos, mas os perigos estão se espalhando, com grande possibilidade de um colapso da ordem baseada em regras que governa o mundo desde 1945. O populismo cresce em todo o norte global deixando o isolamento em seu rastro, enquanto as mudanças climáticas se tornam mais e mais perigosas para todo o planeta – um verdadeiro cavaleiro do Apocalipse – mas é nestes momentos que a Comunhão Anglicana tem o potencial não apenas de ser um lugar de refúgio e estabilidade no mundo, mas também um lugar de transformação, um lugar onde o interesse próprio é

convertido em serviço, onde o medo é transformado em fé e onde inimizade e injustiça se tornam o amor e misericórdia do Senhor.

Em uma visita a Fiji há mais de um ano para o Encontro Regional de Primazes da Região da Oceania, vi como as mudanças climáticas já começaram a afetar a vida da população local. Um deles disse-me algo, e estas são palavras que nunca vou esquecer: “Para os europeus, as mudanças climáticas são um problema para o futuro. Para nós, é um problema de sobrevivência cotidiana.” Somos encarregados de sermos guardiões do mundo de Deus – não herdamos a terra de nossos ancestrais, mas a tomamos emprestada de nossos filhos, como diz o ditado.

Naquela mesma visita a Fiji, sentei-me com o Arcebispo Philip Freier e o arcebispo Allan Migi. O arcebispo Philip vive em Melbourne, uma cidade muito rica, pelo menos em relação a grande parte do mundo, e ++Allan vive perto de Port Moresby. Não poderiam ser lugares mais diferentes. Os dois falaram dos problemas que enfrentaram em suas Províncias. Na Austrália, ++Philip estava preocupado com o aumento da secularização. Em Papua Nova Guiné, ++Allan falou da queima de pessoas acusadas de feitiçaria. Às vezes, as questões que enfrentamos não poderiam ser mais diferentes, mas a beleza da Comunhão em serviço é que ela derruba as barreiras que nos dividem e nos reúne para encontrar soluções comuns. Nossa diversidade é um ativo, nossa humanidade comum em Jesus Cristo um presente.

Um dos meus predecessores, Michael Ramsey, Arcebispo nos anos 60 e início dos anos 70, disse que “a maior vindicação da Igreja está em apontar através de sua própria história para algo do qual é um fragmento... algo desajeitado e desordenado, que frustra a aspereza e lógica. Pois ela é enviada não para recomendar a si mesma como ‘o melhor tipo de

Cristianismo’, mas por sua própria fragilidade em apontar para a Igreja universal em que todos morreram”.

Portanto, em conclusão, a Comunhão Anglicana está em toda parte. Somos diversos, discordamos, mas apesar de sermos muitos, somos um só corpo em Jesus Cristo – ninguém melhor que o outro, nenhum pior que o outro, todos nós pecadores e discípulos conhecidos e amados por Deus.

Esta é a Igreja de Deus, e devemos sempre tomar cuidado com a sempre presente tentação de acreditar que podemos criar a igreja na imagem que queremos, que o escritor e filósofo francês do século XVIII Voltaire, usando a linguagem de gênero de seu tempo, assim descreveu: “Deus fez o homem à sua própria imagem, e o homem retornou o elogio fazendo Deus à própria imagem do homem”.

Nosso discipulado, especialmente durante esta Páscoa, nos lembra dia a dia que somos chamados a nos voltar para o Cristo que caminha conosco na estrada, e a cada dia nos comprometemos a sermos obedientes a Ele.

Como parte da igreja de Deus, como discípulos de Cristo, como aqueles que se esforçam para ser intencionais em nosso seguir, podemos e devemos nos alegrar dia após dia por fazer parte da maravilha que é a igreja de Deus, desordenada, contrária, argumentativa, mas em última instância de Deus, para fazer a obra de Deus no mundo de Deus. Muito obrigado.